

Estórias do Serviço Médico à Periferia: Excelente *modus operandi*

Eu fiz o Serviço Médico À Periferia (SMP) no ano de 1978, no concelho de Bragança.

Eu e o meu grupo de colegas/amigos candidatamo-nos em conjunto e assim fomos 17 jovens médicos para Bragança. Tínhamos em comum a vontade de ser socialmente úteis e trabalharmos segundo a melhor evidência.

Asseguramos o trabalho no Centro de Saúde concelhio, em todos os “postos” dos Serviços Médico-Sociais e no Hospital Distrital, aqui, distribuídos pelos serviços de medicina, cirurgia e pediatria. Esta situação levava a que cobríamos todo o concelho (com extensões que distavam da sede do concelho largos Km, por exemplo Izeda ficava a 50 km de Bragança) em todas as intervenções de saúde: de prevenção da doença, de tratamento crónico e agudo, em ambulatório ou em internamento.

Bragança estava muito longe do Porto, do hospital de Santo António que nos assegurava o fim de linha. Uma deslocação de ambulância até ao Porto demorava 7-8 horas. Daí, que se tentava resolver o máximo possível localmente. Por exemplo, os dois cirurgiões lá existentes resolviam praticamente toda a cirurgia de rotina, de urgência e até alguma ortopedia mais simples. Cada um estava à chamada para o serviço de urgência a semana toda. Na semana seguinte estava o outro. O mesmo se passava com o único Internista do hospital, que a qualquer hora estava disponível para nos apoiar pelo telefone ou mesmo presencialmente, dado residir relativamente próximo.

Comparar aqueles sentidos de entrega, de brio profissional, de postura ética e deontológica com os dos dias de hoje é pura coincidência.

Todas as semanas fazíamos uma “reunião de serviço”, com os jovens médicos do SMP e com os residentes, depois do jantar, porque era o horário em que todos tínhamos mais disponibilidade. Fazíamos a reunião nas instalações do hospital porque, assim, o médico que se encontrava escalado para o SU também poderia participar, caso não tivesse nenhuma urgência a resolver. Discutiam-se casos clínicos, dificuldades terapêuticas e/ou estratégias organizativas dos diversos serviços de saúde, sempre numa abordagem global e integrada.

A entreaajuda entre todos os mais novos, entre os mais experientes e os mais novos, entre as diferentes instituições de saúde cuja atividades eram asseguradas pelos médicos do SMP era excelente. A disponibilidade era total.

Esta era a cultura que vivemos, que praticámos, aquilo a que hoje poderemos designar de “Unidade Local de Saúde”: todos os serviços de saúde a trabalhar em conjunto e em complementaridade para resolver os prolemas de saúde da população de um concelho.

Alcindo Maciel Barbosa